



## JASMIM DE MATOS: POR UMA HISTÓRIA DO FIGURINO NO CINEMA PORTUGUÊS

*Jasmim de Matos: For a history of the costume in the portuguese cinema*

Souza, Nívea Faria; Mestre; Universidade do Estado do Rio de Janeiro, niveafaso@gmail.com<sup>1</sup>

**Resumo:** O figurino, campo de pouco estudo e valorização, é em Portugal função e matéria quase esquecida no cinema. Jasmim de Matos, multi-artista de história singular, é o artista de maior visibilidade, considerado a grande referência na área, o português de Angola se destacou como cenógrafo, figurinista, ator e artista plástico. Se tornando a referência mais marcante na história do cinema português.

**Palavras chave:** Figurino; Cinema Português; Jasmim de Matos.

**Abstract:** The Costume, a field of small study and the valorization, is in Portugal a subject almost forgotten. Jasmim de Matos, multi-artist of singular history, is the artist of greater visibility, considered the major reference in the area, the Portuguese of Angola, stood out as a set designer, costume designer, actor and painter. Becoming a more remarkable reference in the history of Portuguese cinema.

**Keywords:** Costume; Portuguese Cinema; Jasmim de Matos.

### Introdução

Ainda hoje existe uma grande lacuna nas investigações sobre figurino cinematográfico em geral, no entanto, em Portugal, verifica-se uma completa inexistência de pesquisas sobre o tema e pouquíssima bibliografia que trate do assunto. As bibliotecas e livrarias portuguesas até possuem livros que abordam os diretores, criadores e realizadores, no entanto pouco ou quase nada se fala sobre

<sup>1</sup> Docente do curso de Cinema na Faculdade Integrada Helio Alonso (FACHA/RJ), doutoranda pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ Universidade do Algarve (UERJ/UAlg/CAPEs), Mestre pela UERJ, Graduada pela UFRJ. Diretora de Arte e Figurinista.



quem materializa tais obras, sobre a equipe técnica e criativa, e principalmente sobre quem veste os atores: o figurinista. Segundo Paulo Cunha, investigador do cinema português, “durante décadas, a história do cinema português não foi feita por historiadores ou acadêmicos das ciências sociais e humanas, mas por curiosos, entusiastas e autores que estavam comprometidos com o próprio objeto.” (CUNHA, 2016, p. 36). Para Cunha, as escritas sobre cinema português tinham como finalidade mais a promoção do cinema junto ao público e à crítica ao invés de apresentarem comprometimento em se contar a história como estudo e registro.

Hoje, após vasta pesquisa, pode-se afirmar que a bibliografia sobre figurino em Portugal restringe-se a um único livro sobre o tema e um catálogo. O livro, de Vera Castro, intitulado “O papel da segunda pele”, possui algumas considerações e reflexões com enfoque no teatro, ópera e na dança. O livro consiste em entrevistas com profissionais e é datado de 2010. Tal obra tem por objetivo suprir a brecha que existe no que se refere às investigações sobre figurino em Portugal. Contudo, há que se destacar a inexistência de uma organização das ideias em ordem cronológica, bem como a ausência de considerações sobre o figurino cinematográfico. Apesar de o livro em questão possuir um enorme valor para a pesquisa do figurino, há que se reconhecer que o mesmo não é suficiente para suprir as omissões de mais de um século de história. Além do livro de Vera Castro, foi encontrado um catálogo de exposição, o qual foi produzido pela Cinemateca Portuguesa por ocasião da realização de uma exposição sobre a obra daquele que viria ser o maior expoente do figurino e da cenografia em Portugal, Jasmim de Matos. No catálogo constam uma lista de obras, muitas dedicatórias de amigos saudosos, além de um registro de uma homenagem pós morte.

A falta de estudos na área fez com que fosse necessário, para a realização desse trabalho, recorrer à história oral do figurino, pois “a história oral preocupa-se, fundamentalmente, em criar diversas possibilidades de



manifestação para aqueles que são excluídos da história oficial, tanto a ‘tradicional’ quanto a contemporânea.” (GUEDES-PINTO, 2002. p.95) As entrevistas possibilitam ao entrevistado uma reformulação de sua identidade, além do sujeito perceber-se agente ativo da história cinematográfica.

Em 2017, realizei mais de 15 entrevistas, todas com as principais profissionais do cinema português, aquelas que aparecem no genérico das obras, como são chamados os créditos que contêm os nomes da equipe em Portugal.

Primeiramente os profissionais ficaram reticentes com a proposta das entrevistas, depois foram aceitando e, inclusive, colocando-se à disposição para realizar novos contatos, como uma consequência do reconhecimento da necessidade de falar a respeito de algo que nunca foi dito, sobre o fazer delas: o figurino. Assim, no feminino mesmo, pois 100% das profissionais hoje são mulheres. Questões comuns surgiram como a nomenclatura mais apropriada, já que a cada nova obra o registro de quem pensa os trajes aparecem de uma maneira diferente, uns consideram figurino, outros guarda-roupa, há ainda registros sobre costume, ou mesmo nem há registros daquele que pensou nos trajes daquela obra, mas esse assunto ficará para um futuro trabalho. Em todas as entrevistas, absolutamente todas, um único nome foi comum, o de Jasmim de Matos como importante nome para o posicionamento da profissão. Jasmim foi o único nome reconhecido por todas as entrevistadas como referência na área da materialização cênica, cenário e figurino.

### **Breve História – Jasmim**

Jasmim de Matos nasceu em 23 de novembro de 1942, na Vila Robert Williams, onde passou sua infância. Assim, trata-se de um português de Angola



por ter nascido antes de 15 de Janeiro de 1975, quando se deu a independência da colônia.

A pequena Vila Robert Williams tem hoje 3.680 km<sup>2</sup>, e em torno de 373 mil habitantes, sendo que somente em 1970 foi alçada à categoria de cidade, quando passou a se denominar Caála, província do Huambo.

Foi nesse pequeno pedaço da África que Jasmim morou até 1958, quando se transferiu para Lisboa. Aos 16 anos ele foi para a capital completar o ensino no liceu do Colégio Moderno, instituição de valores humanistas e exclusiva para rapazes e que o abrigou até 1961, quando sua veia artística falou mais alto e Jasmin ingressou na Cooperativa Gravura, na grande Lisboa. Fundada em 1956, a Gravura – Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses dedica-se ao ensino das modalidades artísticas numa altura em que nem sequer as Escolas de Belas Artes de Lisboa e do Porto se dedicavam a essas modalidades. Foi como aluno da Cooperativa que realizou sua primeira exposição, aos 19 anos, na Junta de turismo da Costa do Sol. Já em 1962 iniciou sua carreira profissional como pintor, representado no Salão de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes, em exposição coletiva apresenta sua obra por dois anos consecutivos, 1962 e 1963.

Mim, como era chamado pelos amigos, foi um jovem muito inquieto, cheio de sonhos e de muita personalidade. No final dos anos 1950 e início dos 1960, Jasmim cultivava cabelos compridos e barbas, o que não era prática comum em tempos de fascismo e guerra em África, sua aparência suscitava a ira de alguns indivíduos mais fascistas. Segundo relatos, não eram apenas palavras que usavam para julgá-lo, Jasmim também fora vítima de pedras<sup>2</sup>. Sempre muito atento às modernidades e principalmente às artes, passava horas a falar de pintura e sobre o futuro, questões típicas de jovens artistas em um período de Estado Novo português, também chamado salazarismo, em

---

<sup>2</sup> Segundo Maria Beatriz, amiga íntima de Jasmim em depoimento ao caderno da Cinemateca Portuguesa em 1996.



referência a António de Oliveira Salazar, o seu fundador e líder, uma figura preponderante no governo da Ditadura Militar. Nesse período, o maior temor de Jasmim era ser convocado a apresentar-se à Guerra, e que o jovem mais temia acontecera. Apesar de muito tentar evitar, foi chamado “as sortes”.

O serviço obrigatório militar em Portugal, teve início no começo do século XX e durou assim por cerca de um século, e o ato de ser chamado para a inspeção e alistamento era conhecido como “ir às sortes”, uma vez que aos rapazes poderia ser “boa sorte” se ficasse livre, “má sorte” se fosse recrutado.

O jovem foi convocado a servir as forças armadas portuguesas e apresentar-se frente às forças organizadas pelos movimentos de libertação das antigas províncias ultramarinas<sup>3</sup>, também chamada de Guerra em África entre 1961 e 1974. Descontente com sua “sorte”, Jasmim iniciou o processo de dispensa e o único meio para isso seria uma solicitação de emigração para estudos. Seu objetivo era partir à Inglaterra. No mesmo ano, em 1964, conseguiu aprovação de seu requerimento e logo partiu à Paris para, em sequência ir à Londres. Segundo relatos de amigos, Mim teve mais dificuldade na polícia de imigração inglesa, pois ainda que tivesse o objetivo de estudar, não tinha como comprovar os recursos financeiros necessários para permanecer em território inglês, os quais, em verdade, sequer os possuía. Após longo interrogatório só conseguiu permissão de estadia por uma semana, prazo que lhe foi concedido para conseguir algum trabalho e, então, obter autorização legal para sua permanência.

De acordo com relatos de pessoas que conviveram com Jasmim, ele fez vários pequenos trabalhos na Inglaterra, trabalhando, inclusive, como garçom em um bar, assim, logo conseguiu se regularizar. Entre 1965 e 1967, conciliou o trabalho com os estudos e ingressou no curso de pintura da Slade School. A Slade School é uma Escola de Belas Artes que tem como mote aproximar a

<sup>3</sup> Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, são os países que compõem as províncias ultramarinas.



prática da teoria de forma experimental, além de abordar a arte contemporânea e os estudos da história da arte, orientados à pesquisa e a criação. A Slade, como também é conhecida, pertence ao departamento da Faculdade de Artes e Humanidades da *University College London* (UCL), e possui grande reconhecimento por sua contribuição no campo da arte ainda hoje.

Jasmim permaneceu em Londres até 1974. Durante esse período, além de se dedicar a pintura e suas exposições, ele se aproximou de outras artes, tais como o cinema e o teatro. Iniciou seu contato com o cinema como figurante no filme *Blow up*, em 1966 de Michelangelo Antonioni. O filme, uma produção ítalo-britânica, foi o primeiro em língua inglesa do realizador italiano e consiste na adaptação de um conto de Julio Cortázar, *Las Babas del Diablo*, o qual conta a história de um fotógrafo de moda inglês que decide fotografar um casal misterioso em um parque, entretanto, quando revela os negativos, percebe que foi testemunha de um assassinato. Depois Jasmim fez também figuração em uma série televisiva da BBC, *Blue Peter*, em 1967, um programa de televisão infantil britânico, o programa infantil mais antigo do mundo, ainda em exibição nos dias de hoje.

Apesar de ter sido o início de seu envolvimento com o cinema, a figuração permaneceu como parte do universo de Jasmim, pois mesmo com carreira artística consolidada, continuou a fazer suas pequenas participações, ainda que em filmes nos quais assinasse como diretor artístico, cenógrafo ou figurinista. Passou 14 anos em seu exílio, só regressou à Lisboa em 1975, após a Revolução dos Cravos, movimento que derrubou o regime salazarista e estabeleceu liberdades democráticas em Portugal, em 25 de abril de 1974.

### **Artista e amigo.**

Por mais que se tente separar o artista de sua vida pessoal seria impossível fazê-lo quando se trata de Jasmin. Primeiro que absolutamente todas as pessoas



que o citaram durante as entrevistas, falaram com afeição de Jasmim. Além de mencionarem sua personalidade marcante e discreta, todas destacaram que era um homem de muitos amigos e de muita generosidade. Permaneceu toda a vida como artista, ora no teatro, ora no cinema, sem, contudo, abandonar a pintura. Pode-se dizer que não era homem de muitas ambições, assim seus quadros serviam para presentear, uma vez que adorava ver suas obras nas paredes das casas dos amigos.

Jasmin também gostava da relação pessoal, do contato com as equipes de trabalho, generoso, gostava da experiência e de se reinventar, só assim era capaz de trabalhar com realizadores, diretores tão diferentes em personalidades e características artísticas, Luis Miguel Cintra, Filipe La Féria, Fernando Lopes, Manoel de Oliveira, João Botelho. Artista plural, foi capaz de materializar estéticas muito diferentes entre elas.

Muito dedicado e criativo realizava praticamente tudo nas artes, a despeito de sempre receber o auxílio de sua mãe que o ajudava com as costuras, de quem era muito próximo, era ele mesmo quem bordava, pintava e selecionava com cuidados seus tecidos, sendo inclusive lembrado por lojistas mais antigos da baixa<sup>4</sup>.

Entre 1975 e 1994 Jasmim de Matos participou na concepção de mais de 29 espetáculos de teatro, desempenhando 12 diferentes funções, entre cenografia e figurino em sua maioria. No audiovisual foram mais de 25 obras, em diferentes funções, seja como ator, figurinista, cenógrafo ou assinando a direção artística, foi um artista presente.

Jasmim chegou ao cinema português pelas mãos do José Fonseca e Costa, um dos grandes realizadores do cinema do país, em *Demónios de Alcácer-kibir*, em 1975, no qual assinou cenografia e figurinos. Jasmim e o realizador eram conterrâneos, ambos nascidos na antiga Vila Robert Williams em Angola. José

---

<sup>4</sup> Silvestre Varandas, um dos mais antigos funcionários da Ouro Têxteis localizada na Rua Áurea, em Lisboa.



Fonseca o apresentou a grandes amigos como os atores Paula Guedes e Fernando Heitor, os quais falam com muito entusiasmo e saudosismo a respeito de seu amigo, Mim.

Fernando Lopes, em relato concedido à Cinemateca Portuguesa, relata sua experiência trabalhando com o amigo, dizia que não era necessário dar muitos indícios e estender muito a conversa sobre um trabalho, em “Crónica dos bons malandros” de 1982, Jasmim foi responsável por tudo, cores, décors, figurinos e adereços, a única pista dada pelo realizador teria sido que a obra deveria ter um ar de banda desenhada. Segundo relatos, não foi preciso dizer mais nada, e, nas palavras do próprio realizador, a estética proporcionada por Jasmim é o que há de melhor no filme. Jasmim era muito objetivo, apaixonado por arte e cinéfilo assumido possuía muitas referências criativas, associava atmosferas com maestria, desenvolvia estéticas com uma sensibilidade precisa, com ou sem recurso, fabricava aparências, segundo alguns, fazia mágica com trapos.

Jasmim exalava arte, não sabia separar a vida de sua obra, por isso fizera muitos amigos entre artistas, atores, realizadores, cantores, os quais logo tornavam-se seus admiradores.

Durante o período em que esteve em Londres aproximou-se de Caetano Veloso, de que se tornou amigo muito próximo. Caetano ficou exilado por três anos em Londres, entre 1969-1971, em decorrência da Ditadura Militar que acometeu o Brasil, período em que se tornaram muito amigos. Entre os anos de 1980 e 1990, Jasmim visitou o Brasil algumas vezes, inclusive, em 1991, esteve na Bahia. Jasmim conheceu grandes nomes da arte brasileira do período, como Glauber Rocha, podendo-se dizer que compartilhavam de ideias e ideais parecidos.

Durante seus últimos anos morou em Portugal em um edifício simples, de esquina, em uma das estreitas ruas do bairro Príncipe Real, em Lisboa. Sua





casa, que estava sempre cheia de muitos amigos, era também seu ateliê, local onde gostava de celebrar junto aos seus.

O Jasmim recusava-se pura e simplesmente a ver o lado medíocre das pessoas e a perder tempo a analisar os seus defeitos. Era demasiado grande para isso. (...) não me lembro de o ouvir dizer mal de alguém ou de qualquer coisa. O Jasmim preferia simplesmente concentrar-se naquilo que as pessoas e a vida tinham de bom para lhe oferecer. (GUILHERME *apud* Cinemateca Portuguesa, 1996, p. 19)

Dessa maneira era descrito pelos amigos e por quem o conhecia, como Carla Figueiredo, figurinista e *stylist* portuguesa, que o conheceu em seu primeiro trabalho, ainda como estagiária, o qual, lamentavelmente, viria a ser o último trabalho em vida de Jasmim, a peça “Maldita Cocaína”, no Teatro Politeama. Em entrevista, ela relatou a generosidade com que Jasmim trabalhava, destacando que ele além de não ser de conflitos, apresentava uma postura muito prática, permanecendo sempre muito mais próximo à equipe técnica, não gostava de “rodeios” ou de “puxa saquismos” existente, era direto e muito querido.

Maria Gonzaga, um outro grande nome do figurino em Portugal, foi muito enfática sobre Jasmim: “éramos muito amigos e ele era uma força da natureza, era um artista incrível”. Maria Gonzaga diz que aprendeu muito com Jasmim, foi ele quem também a ensinou na profissão, na década de 1970. Jasmim, afirma Gonzaga,

pintava e costurava. Pois tinha uma mãe que era costureira e que fazia coisas lindíssimas também e era como se fosse nada. Ele não, estás a perceber, tudo nele passava assim com aquela sabedoria, era como se fosse tudo tão natural e tão normal que não sei como.(...) e eu dizia “agora que não és capaz” e ele dizia “claro que tu és capaz, tu me ensinastes a fazer não sei o que, não sei o que” sempre a pôr-se mais abaixo do que eu, que eu era fantástica, ele tinha um jeito muito especial de por as pessoas, de dar às pessoas segurança e das pessoas acharem que eram capazes de fazer, estás a perceber? (entrevista concedida à autora em 2017)



Maria Gonzaga trabalhou com Jasmim de Matos em “Amor de Perdição”, de 1977, filme de Manoel de Oliveira, o maior realizador e mais conhecido do cinema português.

### **Falecimento e Homenagem**

Jasmim de Matos Branquinho de Carvalho faleceu tragicamente em um acidente de carro em 5 de junho de 1994, no período estava finalizando o espetáculo “Maldita Cocaína” de Filipe La Féria, que foi seu grande parceiro e amigo em vida. No ano seguinte ao falecimento de Jasmim, em 1995, La Féria escreveu e produziu uma peça chamada “Jasmim ou o Sonho de Cinema”, seu primeiro musical infantil. A peça serviu de base para uma série de 11 episódios transmitidos pela SIC - Sociedade Independente de Comunicação. A história era inspirada na vida do pintor, cenógrafo e figurinista Jasmim de Matos, uma homenagem póstuma, que foi transmitida entre 1996 e 1999 pela televisão portuguesa, sendo uma das séries mais apreciadas pelas crianças e jovens segundo a imprensa. Não se trata da vida de Jasmim, mas sim uma homenagem carregada de fantasia, a série conta a história de um menino que vive na África com a mãe e consegue surrupiar uma máquina de projetar de um caçador. Com um jeito de retrospectiva pelos cem anos do cinema, La Féria juntou em um palco 18 crianças juntamente com um elenco composto de 6 adultos, sendo que as gravações foram feitas no Teatro Politeama, no estúdio Valentim de Carvalho e os exteriores na Azambuja.

Com muitas cores e lúdico, na abertura vinha uma descrição poética sobre o menino Jasmim: “Jasmim era um menino com olhos de arco-íris, a cor branca do destino pintara o negro da íris, cada pessoa guarda um segredo, é preciso saber apenas olhar, olha, Jasmim, não tenhas medo, para olhar é preciso amar” (trecho da música do seriado, Jasmim ou sonho de cinema na SIC).



## Considerações finais

Foi de maneira suave, amigável e pródiga que se tornou um ícone como artista e figurinista em Portugal. Tanto por sua competência profissional quanto pelo cuidado nas relações pessoais que, sempre cercado de amigos, Mim tornou-se um dos mais reconhecidos profissionais da área. Jasmim foi o primeiro figurinista a receber homenagem na Cinemateca Portuguesa, ainda que após sua morte. Nunca a instituição havia homenageado artistas do cinema que compõem a técnica, profissionais do som, cenógrafo ou figurinistas, sendo importante destacar que Jasmim foi o primeiro a romper com uma barreira ainda hoje muito rígida na história das artes em Portugal.

O figurino é campo de estudos praticamente esquecido na cinematografia portuguesa que muito valoriza o papel do diretor, como se o “grande” realizador, como é chamado os diretores na terra de Camões, fossem os responsáveis por definitivamente tudo de uma obra. Com esse trabalho pretendo iniciar uma escrita sobre a história do figurino Português.

## Referências

CASTRO, Vera. **O Papel da Segunda Pele**. Lisboa: Edição Babel, 2010.

CINEMATECA PORTUGUESA. **Jasmim no Cinema Português – uma homenagem**. Lisboa: Cinemateca Portuguesa, 1996.

CUNHA, Paulo. **Para uma história das histórias do cinema português**. Portugal: Aniki vol. 3, n.º 1: 36-45, 2016.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Rememorando trajetórias – a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.





CINEPT – Cinema Português. Covilhã, 2012-2018. Disponível em: <<http://www.cinept.ubi.pt/pt/pessoa/2143707017/Jasmim+de+Matos>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

GUARDÃO, Maria João. **Silvestre Varandas: "Costumam dizer que sou doutorado em trapologia"**. Diário de Notícias. Portugal, 2015. Disponível em: <<https://www.dn.pt/portugal/interior/silvestre-varandas-costumam-dizer-que-sou-doutorado-em-trapologia--4547292.html>>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

REPOSITÓRIO do centro de Estudos de Teatro em Portugal, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2000 - 2018 Disponível em: <<http://ww3.fl.ul.pt/CETbase/reports/client/Report.htm?ObjType=Pessoa&ObjId=3679>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

SIC - Sociedade Independente de Comunicação. **Jasmim ou o Sonho do Cinema**. Lisboa, 1996-1999. Disponível em: <<http://sic.sapo.pt/beta-arquivo-sic/2012-07-04-Jasmim-ou-o-Sonho-do-Cinema--1996-1999->>. Acesso em 25 de julho de 2018.

